

## 12.

# Uma coletânea influente: *Comunicação e Indústria Cultural,* de Gabriel Cohn<sup>1</sup>

Maria Immacolata Vassallo de Lopes<sup>2</sup>  
ECA-USP – Escola de Comunicação e Artes  
da Universidade de São Paulo

- 
1. Adaptação da transcrição da fala realizada no dia 16 de agosto de 2013, na Fapesp, dentro do Ciclo de Conferências 50 anos das Ciências da Comunicação no Brasil: a contribuição de São Paulo.
  2. Professora da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Coordena o Centro de Estudos de Telenovela da USP e o Centro de Estudos do Campo da Comunicação da USP. Criadora e coordenadora da rede de pesquisa internacional OBITEL–Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva e da rede de pesquisa OBITEL–Brasil. Presidente de IBERCOM – Associação Ibero-Americana de Comunicação (2012–2015). Diretora de MATRIZES, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP. Membro da Comissão Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. Foi representante da área de Comunicação no CNPq (2004–2007). Membro do Conselho Curador da INTERCOM como ex-presidente da entidade.

*Dividimos e relacionamos o saber de três modos distintos: intelectualmente como disciplinas; organizacionalmente como estruturas corporativas; e culturalmente como comunidades de estudiosos que compartilham certas premissas básicas.*

*Immanuel Wallerstein(1996)*

É um grande prazer, um duplo prazer que me traz aqui hoje. O convite e o tema. O prazer de atender ao convite que vem dentro de uma perspectiva que o professor Marques de Melo já nos acostumou, na nossa área, de ser ambicioso e de fazer grandes propostas, grandes desafios. E no presente projeto está a questão do *pensamento uspiano*. O outro grande prazer é falar de Gabriel Cohn, um dos mais legítimos representantes da chamada “Escola Paulista de Sociologia” e de sua coletânea seminal *Comunicação e Indústria Cultural*<sup>3</sup>

Mas, antes eu queria situar um pouco o Gabriel a partir de uma perspectiva de história do campo das Ciências Sociais e Humanas. Como o próprio Gabriel, são figuras que integram um projeto de estudos dentro da FFLCH da USP. Cito como exemplos, João Batista Borges Pereira, Ecléa Bosi, Carlos Guilherme Mota, João Alexandre Barbosa. E todos eles atendendo a esse grande projeto que sempre existe nas ciências, feito por pesquisadores, ao mesmo tempo, realistas e visionários, com uma visão muito enraizada no seu tempo de maneira a poder colocar, firmar certos programas de estudo de largo fôlego e de longo prazo, em compasso com a vivência do país. Isso tudo começa com Florestan Fernandes, depois com os discípulos dele, principalmente, Octavio Ianni, e passa a uma terceira geração que é a do Gabriel Cohn.

Esse projeto parte de duas questões fundamentais. A primeira é a qualidade da pesquisa social. Estou falando da década de 1950 na chamada “Fefelech”, onde

---

3. Gabriel Cohn (org). *Comunicação e Indústria Cultural*. São Paulo: Editora Nacional, 1973.

a questão do modelo dessa pesquisa passa pelo ensino e pela investigação e está consubstanciada num livro do Florestan Fernandes chamado *Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica*<sup>4</sup>. Ora, não são fundamentos empíricos da Sociologia, mas da Ciência. Toda ciência, para chegar a uma explicação deve ter fundamentação empírica. Esse título serviu de horizonte, de orientação para muita gente, de geração em geração. Emergiu primeiro na FFLCH, e depois em outras unidades de Humanas na USP. Daí nucleou-se essa visão de fazer Ciência.

E a segunda questão é a visão da realidade, do que está acontecendo, como dizia Dufrenne, do presente para o futuro. Então, vejam, Florestan falava de um programa de estudos para a sociedade brasileira, voltar a sociologia para o Brasil. Com grandes linhas de pesquisa: urbanização, industrialização, relações de classe, relações raciais, migrações, educação, cultura popular (os folguedos, os estudos que ele fez com Roger Bastide), e, finalmente, também a cultura de massa. Quer dizer, é um grande projeto de estudo do Brasil. Aquilo que a gente poderia chamar de uma grande agenda de pesquisa do País.

Onde entra então, nesse contexto, o nosso Gabriel Cohn? Claro, dentro desse cenário institucional e, principalmente, da efervescência do dia a dia dos estudos dos centros de pesquisa. Eu mesma, como aluna estagiária, fiz parte do CESIT (Centro de Estudos de Sociologia Industrial e do Trabalho), pois na época eram uma inovação os centros de pesquisa onde se desenvolviam projetos de fôlego, mas com base empírica, na coleta de dados sobre os operários do ABC, os imigrantes italianos no interior de São Paulo, ou as relações étnicas de alemães em Santa Catarina. Dentro desses temas entravam também aspectos da cultura e da comunicação. O exemplo paradigmático pode ser o de Octavio Ianni que transitava da sociologia do desenvolvimento para a da cultura, sendo um dos últimos trabalhos sobre o “príncipe eletrônico”<sup>5</sup>. Aliás, ele faleceu quando lecionava na ECA.

Então, essa abertura que é propriamente de quem sabe o que está fazendo ao propor uma visão já interdisciplinar, multidisciplinar para as Ciências Sociais. Borges Pereira era da Antropologia, mas ele trabalhava com relações raciais e também com o rádio. Quer dizer, essas pessoas, sem dúvida, são da área das Ciências Sociais. Mas o que elas fazem com a Comunicação? Por que elas entram com uma proposta de reler? Reler os nossos clássicos das Ciências Sociais à luz

---

4. Fernandes, 1959.

5. Ianni, 2000.

do como poderiam servir para trabalhos com os novos objetos da comunicação de massa. Eu discordo em separar quem é da área, quem não é da área... Pois eles também estavam construindo a área das Ciências Sociais entrando na Comunicação. O próprio Gabriel cita Marques de Melo ao falar da importância do trabalho que ele estava fazendo na sistematização de pesquisas específicas sobre o jornalismo. Está aí um belo exemplo de convergência de momentos que são de reflexão e de momentos da especificidade da prática.

Todos esses autores aqui reunidos neste Ciclo Intercom/Fapesp, eu os vejo realmente atuando como matrizes do campo da Comunicação, ou como desbravadores. Mas de onde eles vêm, como vão começar a recortar a Comunicação? Claro, a partir da Sociologia, como o Gabriel, da Psicologia Social, como a Ecléa Bosi, da Psicologia Educacional, como o Samuel Pfromm, da Teoria Literária, como João Alexandre Barbosa, da História, como Carlos Guilherme Mota, entre tantos outros. Mas, a grande questão do momento que eles vivem, é a emergência de uma sociedade de massas e de uma cultura de massas no Brasil. Daí vêm os novos desafios para a pesquisa dos anos 1960 e 70 nas Ciências Sociais. Por isso, esses autores vão ter que se voltar para os veículos, observá-los, analisá-los, vão ter que falar dos impactos, estudar os efeitos, vão ter que rever teorias e métodos para dar conta das mudanças culturais e comunicacionais da sociedade brasileira.<sup>6</sup>

Uma grande novidade na época é que esses autores também induzem a fazer pesquisa empírica sobre a indústria cultural. No caso do Gabriel, ele foi professor de Sociologia da Comunicação, fixou-se nessa especialidade. Formou muita gente, que inclusive foi para ECA, por exemplo, eu, Waldenyr Caldas, Ciro Marcondes. Entre outros, Albino Canelas Rubin, Maria Arminda Nascimento

---

6. Faço menção a duas outras coletâneas publicadas na mesma época e que também foram importantes para a formação de estudantes e pesquisadores de nosso campo. A coletânea de Luiz Costa Lima, *Teoria da Cultura de Massa* (Editora Paz e Terra, 1973) e outra que traz a tradução dos artigos de um número da revista *Communications* que é *Análise Estrutural da Narrativa* (Editora Vozes, 1971). O universo de todos esses artigos internacionais, publicados pela primeira vez no Brasil, contribuíram realmente para as pesquisas sobre as condições de produção e de recepção do rádio, do texto, do filme, do jornal, etc, envolvendo o estudo da mensagem e do público. Isso quer dizer que é o nosso processo mesmo da comunicação, emissor, mensagem e recepção, que está aí subsidiando as escolhas dos objetos de pesquisa.

Arruda, Orlando Miranda, Gisela Goldenstein, foram orientados por ele, todos em temas da comunicação e da indústria cultural.

Focalizando especialmente o nosso autor, primeiro queria dizer que eu não trouxe uma fotografia do Gabriel Cohn, como fizeram outros expositores. O Gabriel é vivo, muito bem vivo. Ele realizou tantas coisas em sua trajetória intelectual que demonstram bem os caminhos percorridos e o tamanho de sua influência. Cito apenas algumas.

- Graduado em Ciências Sociais pela FFLCH/USP Mestre, Doutor e Livre-docente em Sociologia FFLCH/USP; Professor Titular e Professor emérito FFLCH/USP (2011).
- Presidente da Associação dos Sociólogos do Estado de São Paulo (1983-85); presidente da Sociedade Brasileira de Sociologia (1985-87), e presidente da ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (2005-2006).
- Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras/USP (2006-2008).
- Editor da revista *Lua Nova* do CEDEC (1991-2003).
- Professor Emérito da FFLCH (2011)
- É atualmente Professor Visitante Sênior na UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo, na Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, pelo Programa Professor Visitante Nacional Sênior da CAPES.
- Áreas de pesquisa: sociologia do desenvolvimento; sociologia da comunicação e da cultura; teoria social com ênfase em teoria da ação (Max Weber) e em Teoria Crítica da Sociedade (em especial Adorno).
- Principais publicações:
  - *Petróleo e Nacionalismo*. Difusão Europeia do Livro, 1968.
  - ***Comunicação e Indústria Cultural*. Ed. Nacional. 1971**
  - *Sociologia da Comunicação: teoria e ideologia*. Pioneira, 1973.
  - *Theodor W. Adorno*. Ed. Ática, 1994
  - *Crítica e Resignação - Max Weber e a Teoria Social*. Ed. Martins Fontes, 2003.
  - *Sociologia - Para ler os clássicos* (org.). L.T.C., 1977; Ed. Azougue, 2005.
  - *Weber*. Ed. Ática, 2005.
  - Traduziu a nova edição brasileira de *Minima Moralia* de Theodor W. Adorno (ed. Azougue, 2008).

Dentre suas obras, aquela destacada neste Ciclo é o livro por ele organizado e cuja primeira edição é de 1971, *Comunicação e Indústria Cultural*. É a coletânea influente a que me refiro no título deste texto.

Começando a falar desse livro, dou a boa notícia de que ele vai ter uma nova edição. Gabriel está refazendo o livro com base no interesse despertado pelos textos da coletânea original. Quer dizer, quem de fato foi útil? Além disso, a nova edição é uma resposta de alguém que se mostra realmente emocionado com a repercussão desse trabalho dele, que é uma coletânea. Pergunto, então: onde está a figura do Gabriel aqui? Está na proposta de reunir e articular artigos que tratam dos fundamentos da comunicação. São artigos que demonstram a relevância do tema – a comunicação e a indústria cultural – em relação às tendências perceptíveis na sociedade, nutridos pela pretensão do organizador do livro de ir aos fundamentos da comunicação de massa.

Então, vamos lá. Como é que ele organiza essa coletânea? O que ele diz é interessante: “Eu queria trazer aqui nesta coletânea as presenças, mas também as ausências”. As ausências são de autores que já estavam se firmando como bibliografia na área de Comunicação e que eram acessíveis em português. Estamos falando da década de 1970<sup>7</sup>. Por isso, não vão estar no livro autores que já tinham sido traduzidos e estavam em circulação, como, por exemplo, Morin, McLuhan, Eco, Baudrillard, Barthes, Greimas, Marcuse, Althusser, Mattelart, Moles, Bourdieu. Ele chama a atenção para Bourdieu e de quem o apresentou aos pesquisadores brasileiros, que é Sergio Miceli. E ele próprio introduziu Eliseo Verón, apresentou para nós o sócio-semiólogo argentino, do qual ele mesmo fez traduções para o português.

Autores brasileiros que não estão na coletânea, mas ele cita porque são os contemporâneos dessa antologia: Marques de Melo, com *Comunicação Social: Teoria e Pesquisa*, de 1970; Sergio Miceli, com *A Noite da Madrinha*; Ecléa Bosi, *Cultura de Massas e Cultura Popular: Leituras de Operárias*; Angeluccia Habert, que é professora da PUC Rio, com um trabalho muito interessante, *Fotonovelas e Indústria Cultural*; Othon Jambeiro, com *A Canção de Massa*; Samuel Pfromm

---

7. Achei interessante Juliana (outra expositora do Ciclo) falar da surpresa dela por não conhecer os autores desses anos, e essa surpresa que causam não apenas para a geração dela, mas também surpresa que causaram nessa própria época. Falar do programa de TV da Hebe Camargo, do programa de rádio do Gil Gomes, de programas de auditório, foi a grande e ousada entrada desses objetos de estudo na academia.

Neto, *Comunicação de Massa*; Adísia Sá e D. Bezerra de Menezes, *Fundamentos Científicos da Comunicação*.

Havia interesse que essa antologia fosse utilizada por estudantes de Comunicação, tanto que existia uma disciplina com o nome de *Fundamentos Científicos da Comunicação*, e por estudantes de Sociologia da Comunicação, sendo que esse foi o título do livro do doutorado de Gabriel.<sup>8</sup>

A primeira edição da coletânea *Comunicação e Indústria Cultural*, de Gabriel Cohn é de 1971, publicada pela Editora Nacional; depois houve uma outra, pela T.A. Queiroz, aí esgotou e ela nunca mais foi reeditada.

São 24 textos que compõem a coletânea, alguns clássicos, outros inéditos, todos de autores estrangeiros, à exceção de dois, escritos pelo próprio Gabriel. Nessa coletânea, há uma preciosidade que é a *bibliografia comentada*, ao final do livro (p.403 a 406), de textos indicados pelo autor. Uma bibliografia comentada importantíssima para a socialização e a circulação desse novo repertório que estava sendo descoberto e estudado.

A Parte I chamada de *Introdução Geral* é uma introdução sistemática ao estudo da Comunicação. Gabriel é um sociólogo que destaca que a Comunicação não pode ser uma variável dependente, que tem uma especificidade em si. E, portanto, é necessário um estudo sistemático da Comunicação. É o que ele se propõe a mostrar com os textos que se seguem.

Na *Parte II*, que se intitula *Código, Mensagem e Sociedade*, temos artigos que tratam dos componentes do processo formal de comunicação, como linguagem, comunicação verbal e efeitos. Há um texto fundamental de Weaver apresentando a teoria matemática da Comunicação. E temos o texto clássico de Harold Lasswell “A estrutura e a função da comunicação na sociedade” que costumamos usar, até hoje, na primeira aula de teoria da Comunicação. Esse autor como que mapeou o estudo da comunicação nos campos de pesquisa da produção, pesquisa do canal ou dos meios, pesquisa do conteúdo, da recepção e dos efeitos ou impactos. Alguns reconhecem nesse artigo a criação de um paradigma para os estudos de Comunicação, apesar das fortes críticas que também recebeu. Mas foi esse autor que resumiu o processo de comunicação na frase angular: “Quem, diz o quê, como, para quem, com que resultados”. Destaco também o artigo de Katz “O estudo da comunicação e a imagem da sociedade” e de Klapper,

---

8. Cohn, 1973.

ambos reverberando os trabalhos de seu mestre, Paul Lazarsfeld. Esta parte pode ser considerada como um reconhecimento aos fundadores da pesquisa empírica nos Estados Unidos, a *mass communication research*. Quer dizer, aqueles que primeiro falaram sobre os efeitos da comunicação, do fluxo da comunicação e da descoberta do papel dos grupos primários nesses efeitos (o *two-step flow of communication*), da função do líder de opinião, ou seja, as primeiras grandes descobertas a respeito do processo de comunicação através de grandes projetos de pesquisa empírica, com muita base quantitativa e estatística. São trabalhos sobre a intenção de voto, a recepção de rádio, as decisões de consumo, a persuasão na propaganda, entre outros. Fixaram assim um padrão de trabalho de pesquisa sobre a comunicação nos Estados Unidos.

Na Parte III da coletânea, *Opinião Pública, Controle Social e Ideologia*, os artigos entram nos aspectos funcionais da comunicação dentro da sociedade, a influência política, econômica e ideológica. São apresentados grandes temas que estão aí até hoje como a opinião pública, o controle social e a ideologia, além de conceitos como “massa”, “público”, “opinião pública”, “propaganda”. Há um texto clássico de Habermas, “Comunicação, opinião pública e poder”, de Baran e Sweezy sobre o poder econômico da propaganda. Destaco, um texto que, a meu ver, teve uma influência extraordinária, escrito por Lazarsfeld e Merton, “Comunicação de massa, gosto popular e ação social organizada” em que fazem uma exposição magistral das relações entre estrutura social, comunicação e cultura.

Na Parte IV, *Público, Massa e Cultura*, encontramos o texto clássico “A Indústria Cultural”, de Adorno, que se tornou obrigatório na bibliografia das aulas e pesquisas em Comunicação. Há também o artigo de outro integrante da Escola de Frankfurt, Leo Löwenthal, que traz uma rica visão da questão da cultura popular. Para mim, Gabriel foi o grande introdutor, no sentido de fazer entrar e firmar, a Escola de Frankfurt, nas Ciências Sociais brasileiras.

E, finalmente, na Parte V, *Enfoques e Problemas de Análise*, entra a questão das metodologias, do como pesquisar. Há um texto de Adorno que quase não é citado, que é “Televisão, Consciência e Indústria Cultural”. Ele, que havia feito uma célebre discussão com Lazarsfeld a respeito de pesquisa empírica, nesse texto propõe um método para estudar a televisão, em seus diversos códigos e níveis, um trabalho interessantíssimo. O próprio Gabriel tem dois artigos nessa parte da coletânea. O primeiro é “A análise estrutural da mensagem” que ele escreveu porque houve problema de cessão de direitos de um artigo de Barthes que era o que ele queria. E há a questão com McLuhan no segundo artigo do Gabriel. É um texto muito interessante que ele vai manter na nova edição da coletânea. É muito interessante porque



faz uma forte crítica a McLuhan. É um texto datado, escrito num contexto em que um scholar tinha se tornado uma celebridade da mídia, como diríamos hoje. McLuhan tornara-se guru dos publicitários, capa do *Times*, etc. Mas, mesmo lido em perspectiva, o fato é que o texto tem uma visão de McLuhan que é de anticulto. Primeiro, esse autor foi louvado fora da academia, depois foi abandonado, agora redescoberto e está em todos os lugares, por causa das novas tecnologias, da globalização. É interessante voltar a ler hoje esse texto do Gabriel. E finalmente, o artigo de um importante autor que morreu precocemente, Lucien Goldmann, de extrato marxista, que analisa a questão da consciência possível e da comunicação, portanto, o tema aí é da complexa e intrincada relação entre comunicação e ideologia.

Só para terminar, eu queria apresentar uma espécie de *Apêndice* ao livro do Gabriel, que demonstra o quanto ele me influenciou e serviu-me muito na elaboração de quadros através dos quais expresso minhas concepções sobre o campo da Comunicação.

O que interessa aqui no Quadro 1. Campo Cultural e Campo Científico da Comunicação [ver abaixo] é organizar o contexto deste livro e desses outros autores que a gente estava falando da década de 1970. O que estava acontecendo, no sentido de Bourdieu, no Campo Cultural e no Campo Científico da Comunicação no Brasil? Proponho nesse quadro uma leitura sobre o desenvolvimento de nossa indústria cultural e como ele se fazia acompanhar por estudos, pesquisas e reflexões. É isso que estava exigindo o campo do mercado cultural através da modernização das empresas culturais, conglomerados de mídia, crescimento da indústria cinematográfica e da publicidade, em pleno regime militar, com sua ideologia da segurança e integração nacional, e de seus investimentos em redes nacionais de radiodifusão. Por outro lado, em termos de campo científico, temos a criação dos cursos de graduação em Comunicação, e depois dos programas de pós-graduação, onde se instala uma espécie de razão dualista na pesquisa. É que o pensamento crítico e o funcionalista eram coexistentes e concorriam entre si, expondo posições políticas junto com a pesquisa. Eram a vertente do funcionalismo norte-americano e a vertente do marxismo europeu, as pesquisas críticas coexistiam com as pesquisas funcionalistas.

E onde essas pesquisas de que estivemos falando que tem a ver com a fonte, a matriz dos estudos da USP? É ali, no Quadro 2. Campo Científico da Comunicação [ver abaixo] em que está, pela década inteira dos anos 1970, dentro de um dos cinco Programas de Pós-Graduação, onde a pesquisa de Comunicação se estabeleceu. Era na USP que nucleou a UMESP; tínhamos também a PUC São Paulo e também a UFRJ no Rio e a UnB em Brasília, centros que já apre-

sentavam muitas características em comum e também muitas especificidades. O que pede uma reflexão particular.

Como é que eu uso a coletânea de Gabriel Cohn nas aulas de Teoria da Comunicação? Evidentemente que quando vamos falar da formação do nosso campo tem que estar isso que se vê no Quadro 3. Condições histórico-sociais do Campo da Comunicação: Quadro Histórico-Analítico [ver abaixo] Os estudos sobre os efeitos, tão influentes, que a gente volta, lê, relê, atualiza. E são esses autores que estão nessa coletânea, e não só, da *mass communication research*, que elege as questões do consumo, do comportamento político-eleitoral. Lasswell, Lazarsfeld, Kurt Lewin e Karl Hovland, que são considerados os “pais fundadores” por Wilburn Schramm. Bernard Berelson, com seu método quanti-qualitativo da análise de conteúdo, a Escola de Chicago com as pesquisas qualitativas e o uso da etnografia. E aí também estão Adorno, Horkheimer, o Marcuse, Benjamim e Habermas e McLuhan, a maioria selecionada pelo Gabriel em sua influente coletânea

Enfim, espero ter convencido vocês a grande influência dessa coletânea para o campo da Comunicação. Mas, poderiam perguntar: um livro organizado, uma coletânea não é um livro de autor? Claro que sim, é tudo autoral, a concepção, a seleção, a apresentação, como fez o Marques ao nos brindar com a realização desse Ciclo. Quer dizer, o que tem aí é a montagem, e através dela, os artigos que “pegam”, os artigos que realmente são incorporados, que têm repercussão.

Eu acho que esse trabalho ajudou nos fundamentos de um campo de estudos que começava a se institucionalizar nos anos 1970 e que o marcou sobremaneira ao longo de seu desenvolvimento. E acredito que esse não era o objetivo de Gabriel Cohn, mas é nisso que o seu livro se tornou. Foi adotado por nós porque fazia e continua fazendo significado para nossas reflexões e pesquisas. O livro traz autores de diferentes origens disciplinares e tem servido para sucessivas gerações de pesquisadores que trabalham em Comunicação. Nele está colocada já a questão que nos é cara porque é a cara da Comunicação – a interdisciplinaridade. Os vários enfoques que aqui foram falados, da Psicologia, da Psicologia Social, da Teoria Literária, da Sociologia, da Antropologia, convergindo e amalgamando-se nos estudos de Comunicação. Aí não há mais multidisciplinaridade, mas emerge o ponto de vista que é comunicacional. Ponto de vista que tem a ver com a construção de um campo que reúne a pesquisa, a formação e as práticas de comunicação. Então, você tem os estudos de Comunicação, o ensino de Comunicação, e as práticas profissionais de Comunicação. Para mim, isso é um campo.

E o resto, vamos dizer assim, são polêmicas, debates sempre muito bem vindas, porque uma área – eu sou muito bourdieuniana – é feita muito com o

conflito, e o conflito é a polêmica, e a polêmica é a razão de ser da Ciência. Muito melhor assim.

Muito obrigada pela atenção de vocês.

## **Uma Coletânea Influente: Comunicação e Indústria Cultural, 1973**

### **Estrutura**

- 24 textos, alguns clássicos, todos inéditos<sup>9</sup>.

### **Parte I: Introdução sistemática ao estudo da Comunicação**

#### **Parte II: Código, Mensagem e Sociedade**

- Linguagem, comunicação Verbal, efeitos
- Teoria matemática da comunicação – W. Weaver
- A estrutura e a função da comunicação na sociedade – H. Lasswell
- O estudo da comunicação e a imagem da sociedade– E. Katz
- Os efeitos da comunicação de massa – J.T. Klapper

#### **Parte III: Opinião Pública, Controle Social e Ideologia**

- Conceitos de massa, público, opinião pública, propaganda
- Comunicação, opinião pública e poder – J. Habermas
- Teses sobre a propaganda – P. Baran e P. Sweezy
- Comunicação de massa, gosto popular e ação social organizada – P. Lazarsfeld e R. Merton

#### **Parte IV: Público, Massa e Cultura**

- Análises empíricas e teóricas
- A indústria cultural – Th. Adorno
- Perspectivas históricas da cultura popular – L. Lowenthal

---

9. Os artigos mencionados foram por mim extraídos da coletânea por considerá-los os mais importantes.

## Parte V: Enfoques e Problemas de Análise

- Metodologias e categorias analíticas: ideologia, mensagem, consciência
- Análise estrutural da mensagem – G. Cohn
- Televisão, consciência e indústria cultural – Th. Adorno
- O meio é a mensagem: análise de McLuhan- G. Cohn
- Consciência possível e comunicação – L. Goldmann

## Bibliografia comentada

## À guisa de Apêndice

Quadro 1. Campo Cultural e Campo Científico da Comunicação<sup>10</sup>

<b>Campo Cultural</b>	<b>Campo Científico</b>
<p><b>Década 1950: modelo de desenvolvimento “autônomo”</b></p> <p><b>CONSTITUIÇÃO MERCADO DE BENS CULTURAIS</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>- rádio</li><li>- TV</li><li>- industrialização</li><li>- cinema</li><li>- publicidade</li><li>- urbanização</li><li>- imprensa</li><li>- mercado interno</li><li>- nação/populismo</li></ul>	<p><b>Década 1950</b></p> <p><b>TENDÊNCIAS FUNCIONALISTAS</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>- pesquisas mercadológicas: IBOPE, MARPLAN, audiência</li><li>- 1os. estudos sobre públicos e meios: análise de motivações, atitudes, análise de conteúdo</li></ul>

10. Lopes (2010, pp.17-33).

<p><b>Década 1960: modelo de desenvolvimento “associado”</b></p> <p><b>BASES INDUSTRIAIS DO MERCADO CULTURAL</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- ideologia do desenvolvimento</li> <li>- formação do público massivo</li> </ul>	<p><b>Década 1960</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- persistem temas anteriores. Predomínio funcionalista</li> <li>- novas linhas de pesquisa: Comunicação/Desenvolvimento e Com./Política</li> <li>- pesquisas quantitativas, comparativas, modelo difusionista (CIESPAL)</li> <li>- 1as. investigações críticas: dependência externa/dominação interna</li> </ul>
<p><b>Década 1970</b></p> <p><b>CONSOLIDAÇÃO MERCADO CULTURAL</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- integração nacional</li> <li>- modernização e concentração de empresas culturais</li> <li>- redes de TV e rádio</li> <li>- conglomerados imprensa/discos/TV/rádio</li> <li>- crescimento da indústria cinematográfica</li> <li>- oligopolização da publicidade</li> </ul>	<p><b>Década 1970</b></p> <p><b>Programas de Mestrado PESQUISAS CRÍTICAS – coexistem com a vertente funcionalista</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- crítica radical: apocalipse (Frankfurt)</li> <li>- engajamento político: transnacionalização (Mattelart), dependência cultural e informativa (nova ordem internacional da informação)</li> </ul>

---

**Década 1980**

**DESENVOLVIMENTO  
DESIGUAL E CONCENTRADO:**

- concentração da riqueza
- internacionalização econômica
- marginalização social
- metropolização
- importância da classe média (consumo massivo)

**DESENVOLVIMENTO DO  
MERCADO CULTURAL:**

- reproduz contradições do modelo capitalista brasileiro
- uma das TVs mais avançadas do mundo convive com analfabetismo e exclusão da cidadania: Belíndia
- capitalismo periférico: organização capitalista da cultura põe em marcha processos contraditórios em todos os setores do campo cultural (produção, distribuição, produto, consumo)

**Década 1980**

**LEGITIMAÇÃO CIENTÍFICA  
DA COMUNICAÇÃO:  
Programas de Pós-graduação  
(ME e DO)**

- politização dos estudos: rompimento com padrões conservadores do funcionalismo e crítica radical
- busca de uma teoria da comunicação latino-americana
- estudos comprometidos com a transformação social
- revisão de teorias, metodologias e técnicas de pesquisa
- apesar do predomínio funcionalista

<p><b>Década 1990 até hoje</b></p> <p><b>GLOBALIZAÇÃO DO MERCADO CULTURAL:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- desregulamentação/privatização do setor de comunicações</li> <li>- revolução informática e aumento das desigualdades</li> <li>- fragmentação e pluralismo cultural: o local, o nacional, o global</li> </ul>	<p><b>Década 1990 até hoje</b></p> <p><b>COMUNICAÇÃO: CENTRALIDADE DO CAMPO:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- preocupação com as tecnologias da comunicação e linguagem dos novos meios</li> <li>- modelos de pesquisa: interdisciplinar e qualitativa/quantitativa</li> <li>- estudos de recepção, etnografia de mídia, estudos de mídia, de web e na web</li> <li>- temas: globalização e mundialização revitalizam as pesquisas de comunicação internacional, comparativas (fluxos)</li> <li>- interesse por comunicação/cultura, com ênfase nos temas de identidades culturais (migrações), de gênero e de geração (juventude, infância)</li> </ul>
--	---

## Quadro 2. Campo Científico da Comunicação

Programas de Pós-Graduação em Comunicação no Brasil em 2012<sup>11</sup>

IES	Tipo	Programa	Mestrado	Doutorado	Local
USP	Pública Estadual	Ciências da Comunicação	1972	1980	São Paulo (SP)
UFRJ	Pública Federal	Comunicação e Cultura	1973	1983	Rio de Janeiro (RJ)
UnB	Pública Federal	Comunicação	1974	2002	Brasília (DF)
PUC-SP	Particular Confess.	Comunicação e Semiótica	1978	1981	São Paulo (SP)
UMESP	Particular Confess.	Comunicação Social	1978	1995	S. B. do Campo (SP)
UNICAMP	Pública Estadual	Multimeios	1986	2000	Campinas (SP)
UFBA	Pública Federal	Com. e Cult. Contemporâneas	1990	1995	Salvador (BA)
PUC-RS	Particular Confess.	Comunicação Social	1994	1999	Porto Alegre (RS)
UNISINOS	Particular Confess.	Ciências da Comunicação	1994	1999	S. Leopoldo (RS)
UFRGS	Pública Federal	Comunicação e Informação	1995	2001	Porto Alegre (RS)
UFMG	Pública Federal	Comunicação Social	1995	2003	Belo Horizonte (MG)
UFF	Pública Federal	Com., Imagem e Informação	1997	2002	Niterói (RJ)
UTP	Particular	Comunicação e Linguagens	2000	2009	Curitiba (PR)
UFPE	Pública Federal	Comunicação	2001	2007	Recife (PE)
UNIP	Particular	Comunicação	2001	2012	São Paulo (SP)
UNESP	Pública Estadual	Comunicação Midiática	2002	-	Bauru (SP)

11. Lopes, Romancini (2012, pp. 31-35).



<b>UERJ</b>	Pública Estadual	Comunicação	2002	2012	Rio de Janeiro (RJ)
<b>PUC-RJ</b>	Particular Confess.	Comunicação	2003	2012	Rio de Janeiro (RJ)
<b>UFSM</b>	Pública Federal	Comunicação	2006	2012	Santa Maria (RS)
<b>ESPM</b>	Particular	Com. e Práticas de Consumo	2006	–	São Paulo (SP)
<b>UAM</b>	Particular.	Comunicação	2007	–	São Paulo (SP)
<b>PUC-MG</b>	Particular Confess.	ComSocial: Interações Midiáticas	2007	–	Belo Horizonte (MG)
<b>UFJF</b>	Pública Federal	Comunicação	2007	–	Juiz de Fora (MG)
<b>UFG</b>	Pública Federal	Comunicação	2007	–	Goiânia (GO)
<b>UNISO</b>	Particular	Comunicação e Cultura	2008	–	Sorocaba (SP)
<b>UFSC</b>	Pública Federal	Jornalismo	2008	–	Florianópolis (SC)
<b>UEL</b>	Pública Estadual	Comunicação	2008	–	Londrina (PR)
<b>UFSCAR</b>	Pública Federal	Imagem e Som	2008	–	São Carlos (SP)
<b>UCB</b>	Particular Confess.	Comunicação	2008	–	Brasília (DF)
<b>UFPB</b>	Pública Federal	Com. e Culturas Midiáticas	2008	–	Paraíba (PB)
<b>UFC</b>	Pública Federal	Comunicação	2008	–	Fortaleza (CE)
<b>UFAM</b>	Pública Federal	Ciências da Comunicação	2009	–	Manaus (AM)
<b>USCS</b>	Pública Municipal	Comunicação	2009	–	S. Caetano do Sul (SP)
<b>UFRN</b>	Pública Federal	Estudos da Mídia	2009	–	Natal (RN)
<b>FACASPER</b>	Particular	Comunicação	2009	–	São Paulo (SP)
<b>USP</b>	Pública Estadual	Processos e Meios Audiovisuais	2009	2009	São Paulo (SP)
<b>UFPR</b>	Pública Federal	Comunicação	2009	–	Curitiba (PR)
<b>UFPA</b>	Pública Federal	Comunicação	2010	–	Belém (PA)

<b>UFPI</b>	Pública Federal	Comunicação	2011	-	Teresina (PI)
<b>UFMS</b>	Pública Federal	Comunicação	2011	-	Campo Grande (MS)
<b>UFS</b>	Pública Federal	Comunicação e Sociedade	2012	-	Aracaju (SE)
<b>UEPG</b>	Pública Estadual	Jornalismo	2012	-	Ponta Grossa (PR)
<b>UFF</b>	Pública Federal	Mídia e Cotidiano	2012	-	Niterói (RJ)
<b>TOTAL DE PRO-GRAMAS EM 2012</b>	<b>44</b>	<b>30 PÚBLICAS 14 PRIVADAS</b>	<b>44 MES-TRA-DOS</b>	<b>19 DOU-TORA-DOS</b>	

### Quadro 3. Condições histórico-sociais do Campo da Comunicação: Quadro Histórico-Analítico<sup>12</sup>

	Décadas 1930/40	Décadas 1950/60	Décadas 1970/80	Décadas 1990-
<b>Funcionalismo Norte-Americano</b>  <b>Estudos não críticos da Comunicação</b>	<b>1. ESTUDOS DOS EFEITOS</b>  <b>“Mass Communication Research”</b> - Foco: consumo e comportamento político-eleitoral - Teoria Hipodérmica e a “massa silenciosa” - Processo de Comunicação: emissor, mensagem, canal, receptor, efeitos: <b>Harold Lasswell</b> - Fluxo de Comunicação em Duas Etapas: <b>Paul Lazarsfeld</b> - Dinâmica Grupal: <b>Kurt Lewin</b> - Persuasão: <b>Carl Hovland</b>	<b>4. ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO - SOCIEDADE</b>  - Enfoque macro  <b>1) Caráter social/ Estrutura social</b> - elite-massa - heterodireção - análise crítica: <b>David Riesman, C. Wright Mills</b>  <b>2) Comunicação-Desenvolvimento</b> - MCM e Terceiro mundo: difusão de inovações - teoria da modernização - <b>Wilbur Schramm, David Lerner, Everett Rogers</b>	<b>6. ESTUDOS DE SISTEMAS</b>  - progressivo abandono das análises macro - comunicação nas organizações: gestão, fluxo, papéis - o receptor ativo: <b>usos e gratificações: Elihu Katz</b> - influência permanente no Brasil e América Latina	<b>7. ESTUDOS MIDIÁTICOS</b>  - produtores: <b>newsmaking</b> - efeitos de longo prazo: <b>agenda setting</b> - interfaces com os <b>estudos culturais e feministas</b> - Tecnologias da comunicação. <b>Pierre Lévy-inteligência coletiva;</b> <b>McLuhan</b> revisitado

12. Lopes (2010, pp.35-70).

<p><b>Funcionalismo Norte-Americano</b></p> <p><b>Estudos não críticos da Comunicação</b></p>	<p><b>2. ESTUDOS DA MENSAGEM</b></p> <p>- <b>Bernard Berelson:</b> enfoque quantitativo - descrição do conteúdo dos MCM</p> <p><b>3. ESCOLA DE CHICAGO E O INTERACIONISMO SIMBÓLICO</b></p> <p>- Estudos qualitativos de comunicação - Etnografia e cotidiano, Mobilidade, migração, "self"</p> <p><b>Robert Park, George Mead</b></p>	<p><b>5. ESTUDOS DOS MEIOS</b></p> <p>- especificidade técnica e da linguagem de cada meio</p> <p>- <b>Marshall McLuhan:</b> "o meio é a mensagem", "aldeia global"</p>		
<p><b>Marxismo Europeu</b></p> <p><b>Estudos críticos da Comunicação</b></p>	<p><b>1. ESTUDOS DE PRODUÇÃO: TEORIA DA INDÚSTRIA CULTURAL</b></p> <p><b>Escola de Frankfurt e a "Teoria Crítica"</b> <b>Theodor W. Adorno, Max Horkheimer, Herbert Marcuse, Walter Benjamin, Jürgen Habermas</b></p> <p>- preocupação: mercantilização da cultura contemporânea - conceitos: sociedade administrada, cultura afirmativa, ideologia/dominação</p>	<p><b>2. ESTUDOS DE PRODUÇÃO: TEORIAS DA IDEOLOGIA E DA CULTURA</b></p> <p>- Análises estruturalistas</p> <p><b>Aparelhos ideológicos do Estado: Louis Althusser</b></p> <p>- preocupação: reprodução ideológica - conceitos: ideologia, dominação, representação</p> <p><b>Dependência cultural: Armand Mattelart</b></p> <p>- imperialismo e multinacionais da cultura</p> <p>- comunicação popular e alternativa</p> <p><b>Campo simbólico: Pierre Bourdieu</b></p> <p>- conceito de campo</p>	<p><b>3. ESTUDOS DO DISCURSO: SEMIOLOGIA E SEMIÓTICA</b></p> <p><b>Filosofias da linguagem: Ferdinand de Saussure, Mikail Bakhtin e Charles S. Pierce</b></p> <p><b>Estruturalismo linguístico:</b></p> <p>- <b>Umberto Eco, Roland Barthes, A. J. Greimas</b></p> <p>- preocupação: ideologia do discurso dos meios - enfoque: - presença no Brasil/AL: década de 1970</p> <p><b>4. ESTUDOS DA RECEPÇÃO: TEORIA DA HEGEMONIA</b></p> <p><b>Antonio Gramsci: a hegemonia e o popular</b></p> <p>- preocupação: culturas subalternas/populares - conceitos: cultura como modo de vida, intelectual orgânico, sociedade civil/Estado construção de hegemonias</p>	<p><b>5. ESTUDOS INTER / MULTI / TRANSDISCIPLINARES</b></p> <p><b>Epistemologia da Comunicação:</b></p> <p>- paradigma da complexidade – <b>Edgar Morin</b></p> <p>- transdisciplinaridade, pós-disciplinaridade- <b>Immanuel Wallerstein</b></p> <p>- reflexividade – <b>Anthony Giddens</b></p> <p>- "Sociedade da comunicação" – <b>Gianni Vattimo</b></p> <p>- globalização das comunicações – mundialização da cultura</p> <p><b>Temáticas contemporâneas dos estudos de Comunicação</b></p> <p>- globalização – <b>Octavio Ianni, David Harvey</b></p> <p>- tecnologias da informação e da comunicação- <b>TICs</b></p> <p>- sociedade em rede e cibercultura – <b>Manuel Castells</b></p> <p>- identidades plurais e <b>interculturalidade</b> (migrações)</p> <p>- o global, o nacional, o regional e o local</p> <p>- o público e o privado</p> <p>- comunicação e pós-colonialismo – <b>Boaventura de Sousa Santos, Arjun Appadurai</b></p> <p>- ambivalência e relações líquidas – <b>Zygmunt Bauman</b></p> <p>- comunicação e educação – <b>Educomunicação</b></p> <p>- centralidade da comunicação: <b>sociedade midiaticizada</b></p> <p>- novas mídias, convergência e transmissão – <b>Henry Jenkins</b></p> <p>- <b>realidade digital:</b> internet, produção, consumo, comunidades online</p>

<p><b>Marxismo Europeu</b></p> <p><b>Estudos críticos da Comunicação</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- pessimismo radical e conservador</li> <li>- abandono da dialética</li> <li>- <b>Benjamim: arte e reprodução técnica</b></li> <li>- meios e novas formas de arte</li> <li>- novas sensibilidades</li> <li>- <b>Habermas: ação comunicativa</b></li> <li>- mundo da vida e mundo do sistema</li> <li>- debate e negociação na comunicação</li> <li>- esfera pública e opinião pública</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- autonomização do mercado cultural</li> <li>- habitus de classe, estilo de vida</li> <li><b>Cultura de massa: Edgar Morin</b></li> <li>- imaginário: identificação e projeção</li> <li>- mitologia da cultura de massa</li> </ul>	<p><b>Escola de Birmingham e os Estudos Culturais</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- <b>Richard Hoggart, Raymond Williams, Stuart Hall, Michel de Certeau</b></li> <li>- conceitos: cotidiano, táticas, negociação de sentidos</li> <li>- estudos de identidade, gênero, raça</li> <li><b>Estudos de recepção na América Latina</b></li> <li>- <b>Jesús Martín-Barbero, Néstor García Canclini</b></li> <li>- conceitos: mediações, hibridização da cultura, consumo cultural</li> </ul>
--	---	---	--

## Referências

Barthes, Roland et al. **Análise Estrutural da Narrativa**. Petrópolis: Vozes, 1971.

Cohn, Gabriel (org). **Comunicação e Indústria Cultural**. São Paulo: Nacional, 1973.

Cohn, Gabriel. **Sociologia da comunicação: teoria e ideologia**. São Paulo: Pioneira, 1973.

Costa Lima, Luiz (org.). **Teoria da Cultura de Massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973.

Fernandes, Florestan. **Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica**. São Paulo: Nacional, 1959.

Ianni, Octavio. O Príncipe Eletrônico. In: **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo; Romancini, Richard. A pós-graduação no Brasil: crescimento associado aos desafios da qualidade e da inserção internacional. In: Lopes, Maria Immacolata Vassallo (org.). **Posgrados en Comunicación en Iberoamérica**. São Paulo: Confibercom, PPGCOM-USP, 2012.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2010, 11<sup>a</sup> ed.

Wallerstein, Immanuel et al. **Para Abrir as Ciências Sociais**. Lisboa: Europa-América, 1996.